

EX TROPICIS



INFORMAÇÕES AMBIENTAIS

Calendário da Natureza

JULHO - 69 LINHAS
POR LIANA JOHN - AE

. Poucas flores, poucos frutos, pouca água e muito frio. Nos meses de julho imperam os tons cinzentos nas paisagens do Centro-Sul brasileiro. Nos estados do Sul, onde a altitude e a umidade permitem, o cinza chega a dar lugar à neve. As matas estão secas, os animais recolhidos. O rastro negro das queimadas contribui para o quadro de escassez e silêncio da natureza.

. À medida em que se viaja na direção da linha do Equador, entretanto, a paisagem é menos cinzenta e a vida mais agitada. Na região Nordeste ainda resta algum verde e os frutos das últimas chuvas sustentam as ninhadas da ema-do-nordeste (*Rhea americana americana*), que ensaiam os primeiros passeios pela caatinga, em busca de folhas espinhosas, insetos e gafanhotos.

. Nos ocos de paus e tocas de pedra do sertão nordestino, a época é boa para a coleta de mel silvestre. As colméias agora estão cheias, com estoques para a estação seca, que acaba de chegar. Aos aventureiros que se arriscam a roubar as abelhas as recomendações de cuidado nunca são inúteis: as abelhas nordestinas são mais agressivas com intrusos e mais sensíveis a barulhos do que as abelhas do Centro-Sul.

. Nas matas da região Sudeste, as abelhas visitam as flores das falsas canafistulas (*Cassia ferruginea*), das guajuviras (*Patagonula americana*) e das cabreúvas (*Myroxylon balsamum*). Típicas da Mata Atlântica, as cabreúvas são também conhecidas por seu uso na marcenaria e carpintaria e pelo aroma de sua casca e flores, infelizmente cada vez mais raro nos remanescentes de mata, dado o interesse comercial da espécie.

. Na Amazonia e no Pantanal Matogrossense, julho é tempo de fazer ou renovar ninhos para as aves de grande porte. Sobretudo para aquelas que dependem mais de peixes, moluscos e invertebrados, do que de frutos e sementes. Com parte dos rios baixando, a busca de alimento em águas rasas fica mais fácil e as aves concentram-se nas pequenas lagoas, criando reservas energéticas para a época de reprodução.

. Estão em franca atividade, reformando seus ninhos, os tuiuiús (*Jabiru mycteria*) e os cabeças-secas (*Mycteria americana*). Ambos põem seus ovos sempre no mesmo lugar e a cada ano acrescentam um emaranhado de gravetos ao velho

lar. Os cabeças-secas juntam-se em grandes bandos, fazendo imensos ninhais, enquanto os tuiuiús preferem viver aos pares, com vizinhos de outras espécies. Suas ``construções`` de gravetos grandes, lodo e capim acabam atraindo pequenos pássaros, que se acomodam nas beiradas de suas ``casas``. Os vizinhos mais frequentes são as caturritas (*Myopsitta* spp.) e catataus (*Campylorhynchus turdinus*), que quase sempre se acomodam nos andares inferiores.

. As anhumas (*Anhima cornuta*) já passeiam com seus filhotes de penugem amarela. Embora não tenham membranas como os patos, os pintainhos logo cedo aprendem a nadar atrás de sua dieta de folhas aquáticas e pequenas aranhas, em meio ao capim semi inundado que predomina na paisagem pantaneira. Quando adultos, nadam apenas ocasionalmente.

. A leste do Pantanal, nos cerrados do Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás e Tocantins, julho marca o início das floradas de catuaba (*Anemopaegna arvensis*). Famosa pelas propriedades afrodisíacas de seus frutos - com os quais se faz licor e tinturas - a catuaba tem diversos apelidos populares, como pau-de-resposta e caramuru. Além do uso medicinal, o pequeno arbusto de meio metro serve também como planta ornamental nos jardins e quintais do interior.

. Começam igualmente a florir a paineira-do-cerrado (*Bombax tomentosa*) e a sucupira preta (*Bowchidia virgilioides*), esta uma madeira de lei de grande resistência, usada na construção civil e naval e para a fabricação de dormentes, postes e cruzetas.

. Fugindo do frio do Cone Sul, em julho chegam ao Brasil diversas espécies de patos e marrecos, dos quais os irerês (*Dendrocygna viduata*) talvez sejam os mais famosos, porque são facilmente reconhecidos por sua máscara branca e pela voz que repete incessantemente o próprio nome.

. Os irerês tem a má fama de comedores de arroz e podem mesmo causar prejuízos, sobretudo nas regiões onde as plantações ocuparam todos os banhados nativos e locais onde estas aves paravam para descansar e se alimentar durante a migração. A manutenção de alguns banhados e pontos de descanso, em meio às plantações, poderia afastar as aves dos plantios comerciais e causar muito menos dano do que os envenenamentos em massa provocados por alguns produtores.